

RUBEM BRAGA

LISTAS

AGORA todo comêço de ano é uma enxurrada de «dez mais»; cada cronista se arvora em juiz e mete lá sua lista. Confesso que entrei em uma, feita pelo Sued, entre os mais mal vestidos de 58. Injustiça evidente, pois até que tenho andado meio janota; em todo caso me consolei com a companhia de Di Cavalcanti, pintor que usa panos bem talhados e homem do mundo.

Se fôssemos distribuir coroas na imprensa, penso que os heróis do ano foram Odilo Costa Filho e Joel Silveira. O primeiro transformou o sonolento «Jornal do Brasil» em um jornal animado e vivo, o segundo pegou uma revista fuleira como era o «Mundo Ilustrado» e conseguiu fazê-la em muitos pontos melhor que «Manchete» ou «O Cruzeiro»; um braço.

Das várias listas feitas sôbre televisão só uma destacou a môça propaganda Maria da Glória, quando ela é tão melhor que as outras, pela sua personalidade e simpatia; é uma presença que sempre faz bem; e por falar em televisão, se a dona dos «mais belos olhos do Rio» não fôr Leila Bastelli Ramos é porque houve trampa ou mau gôsto. Vi num programa essa môça da Tijuca. De seu corpo o vídeo não contou nada, apenas que havia sôbre êle um vestido horrorozinho; mas há muito tempo eu não via uma cara de môça tão radiosamente bela, e tôda a luz do mundo estava em seus olhos. Confesso que não conheço nenhuma das outras concorrentes, mas não admito que possa haver coisa parecida.

Em literatura acho que o ano passado foi de Jorge Amado com sua história de «Gabriela, Cravo e Canela». Terá defeitos o livro, a metade daquelas explicações do comêço é dispensável, aquêles versos metidos na prosa não ficam sendo nem carne nem peixe — mas como tudo vive, a cidade, as ruas, os homens e as mulheres e essa fôrça do destino chamada Gabriela! O romance é uma mistura excelente de lirismo e realismo e está pedindo com urgência um diretor da escola italiana para fazer o mais brasileiro dos filmes; o livro nasceu filme.

Mas vamos parar por aqui, senão acabo fazendo também minha lista; a grande, a inesquecível alegria de 1958 foi mesmo o futebol; aquêle dia de S. Pedro, que costuma ser festa de Cachoeiro de Itapemirim, desta vez foi a maior, a mais alegre e comovida festa de todo o povo do Brasil; e por isso 1958 será perdoado de muita tristeza e longamente abençoado.